

OBITUÁRIO

HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ (1921-2002)

Por ocasião do 1º Simpósio Internacional de Ética realizado pelo Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia em junho último, foi prestada homenagem a Henrique Cláudio de Lima Vaz, cujo falecimento acabara de ocorrer em 23 de maio de 2002. Coube-nos estender o registro de sua passagem ao próximo número desta revista que ora vem a público, cientes de que o breve comentário diante de seu legado incomensurável é apenas uma forma singela de homenageá-lo.

Nasceu em Ouro Preto em 24 de agosto de 1921. Seu avô Cláudio de Lima Vaz foi médico e professor nas áreas de Química e Biologia na Escola de Farmácia e no ensino secundário da cidade. Seu pai Theodoro Vaz, engenheiro e professor da Escola de Minas. Ouro Preto era então uma cidade pacata de interior, mas ainda guardava a atmosfera intelectual de ex-capital de Minas, herdeira de tradição católico-humanista onde se instituía, a partir da segunda metade do século XIX, um dos principais pólos de educação superior do País. Seu avô Cláudio possuía vasta biblioteca de Humanidades com os principais pensadores clássicos.

É na biblioteca do avô que Henrique C. Lima Vaz, aos doze anos, toma o primeiro contato com uma edição francesa das obras de Platão num acaso emblemático, que a sua memória patenteou como encontro definitivo, com aquele que é por ele considerado *arquétipo* da cultura ocidental.

Logo depois, ele se muda com a família para Belo Horizonte, e conclui o ginásio no Colégio Arnaldo, instituição da congregação dos oratorianos. Sua formação católica, familiar e educacional, e a vocação o encaminham para o sacerdócio aos 17 anos, no Seminário dos Jesuítas em Friburgo. Ali, é o aluno brilhante, de vocação intelectual ímpar, que se sobressai não apenas nas Humanidades, mas também nas ciências exatas. E, por isso, já antevisto naturalmente como sucessor daquele que representava o topo da filosofia católica no Brasil à época, o Pe. Leonel Franca, cuja saúde precária o vitimara precocemente.

Em 1944, ele vai para a Itália a fim de prosseguir os estudos na Universidade Gregoriana. Faz tese sobre Platão e retorna ao Brasil no início dos anos cinquenta para prosseguir de maneira crescente e ininterrupta a atividade acadêmica e a produção filosófica. Na atividade de articulista, é possível identificar centenas de artigos, resenhas, comunicações e apresentações que se concentram, nos últimos vinte anos, na revista *Síntese* (Nova Fase) – a publicação oficial de Filosofia do Instituto Santo Inácio – da qual foi o principal editor.

Pe.Vaz resistia à produção do livro. Na advertência à edição de *Ontologia e História*, em 1968, afirma “*esperamos a indulgência do leitor para com estas páginas que redigimos como modestos artigos de revistas ou comunicações a congressos, sem prever que seriam submetidas um dia à prova severa da publicação em livro*”.

Entretanto, nos últimos vinte anos, depois de muita insistência de colegas e do meio acadêmico em geral, ele passa a submeter-se à *prova severa do livro* sem descurar, porém, a atividade editorial de prolífico articulista. Por isso, há desproporção, no conjunto da sua obra, entre o volume de artigos e livros.

Nos artigos, ele demonstra a agilidade de pensador capaz de debruçar-se sobre questões conjunturais e elaborar com máximo rigor a síntese humanista que o tema envolve. Neste caso, a agilidade não é estigmatizada pela pressa. É o exercício de rara inteligência e erudição que o fazem transitar pelo domínio das ciências humanas para construir, como núcleo de sua abordagem, a conceptualidade filosófica sempre original e relevante. Pe. Vaz não apenas foi leitor voraz e conhecedor dos clássicos da Filosofia, dos antigos aos contemporâneos, mas do que há de mais notável na literatura humanista mundial e na teoria da História.

Nos livros, ele completa essa tarefa já experimentada pela síntese de articulista numa espécie de segunda síntese temática de vários artigos e temas. A severidade do livro, conforme advertiu, o leva a extremar em rigor e referências o que já desenvolvera sob a forma de artigo. Por isso, ao lado de um texto densamente construído, o leitor toma contato, nas notas de pé de página, com a melhor referência internacional sobre o tema.

É o que ocorre em *Ontologia e História*, quando Pe. Vaz demarca com a Metafísica o itinerário temático e recorrente da sua

obra. Como o título sugere, a História, por ser portadora de *sentido*, não pode prescindir da Filosofia.

Em 1986, ele inaugura, com os *Escritos de Filosofia I: problemas de fronteira*, a série *Escritos de Filosofia* em que passa a publicar em livro as suas reflexões. *Escritos de Filosofia II: ética e cultura* é publicado em 1988. O tema central é a ética como domínio conexo da cultura. Abre exceção à série dos *Escritos* para publicar *Antropologia Filosófica* em dois volumes, respectivamente, em 1991 e 1992 cujo desafio é construir um sistema de categorias filosóficas para entender a *natureza humana* sem se confundir com o domínio das ciências humanas (sociologia, antropologia, psicologia).

Em 1997, publica os *Escritos de Filosofia III: filosofia e cultura*, no qual trata das formas paradigmáticas que marcaram a cultura intelectual do ocidente. Em 1999 e 2000, publica em dois volumes um tratado de Ética Filosófica nos escritos filosóficos IV e V. E, finalmente, nos *Escritos de filosofia VI*, cujo subtítulo é *raízes da modernidade*, publicado uma semana antes do seu falecimento, Pe. Vaz conceptua a temática metafísica no mundo contemporâneo.

Pe. Vaz faleceu aos 81 anos, sem interromper a militância nas três atividades em que estruturou sua personalidade: pensador, educador e sacerdote.

A avaliação de sua contribuição intelectual ainda é prematura, embora se lhe reconheça o vulto, visto que ultrapassa as antinomias que obscurecem a compreensão do presente.

É o que se pode observar através de sua *Antropologia Filosófica*. Neste modelo, ele resgata "os pólos arquetipais" em que se estrutura a filosofia ocidental, respectivamente, Platão, representando a metafísica clássica, e Hegel, a filosofia contemporânea, passando pela metafísica da existência de Santo Tomás expressa no ato do juízo, a fim de construir um paradigma antropológico cuja categoria-eixo é a pessoa.

A pessoa é a *unidade* em que os momentos Razão e Liberdade respondem, de maneira dialética, à indagação kantiana "o que é o homem?" na dupla dimensão *imanente* e *transcendente* do seu Ser e, pois, origem inelutável do sentido da História e da sociedade ética.

*Arnaldo Fortes Drummond**

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia - FAFCS/UFU.